REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 485

11 DE JUNHO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

O mez de junho começou por uma das festas mais brilhantes que tem havido em Lisboa e que fechou sumptuosamente o cyclo de festas de caridade a que deu origem a tremenda catastrophe do norte e que depois se prolongou, em consequencia das tristes circumstancias a que a crise financeira e economica reduziu o operariado portuguez.

Essa festa notavel entre as mais notaveis não podia deixar de ser assim desde o momento em que foi feita sob a alta protecção de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, que se interessou deveras por essa recita de caridade e poz ao serviço d'ella todo o prestigio do seu augusto nome, toda a bondade inexgotavel da sua angelica alma, profundamente enthusiasmada pelo santo fim a que essa festa se destinava — a creação de cosinhas economicas para os pobres de Lisboa e para os operarios sem trabalho.

A festa realisou-se na noite de 1 do corrente no theatro de S. Carlos.

A iniciativa partiu da Associação Industrial de Lisboa, que delegou n'uma commissão composta dos srs. conselheiro Silva Amado, Martinho Guimarães, Leitão e Pereira, a organisação da festa.

Essa commissão dirigiu-se a S. M. a Rainha a sollicitar a sua alta protecção, e S. M. organisou uma commissão de senhoras, commissão de que se dignou tomar a presidencia, para auxiliar a nobre tentativa da Associação Industrial.

Essa commissão composta das sr.as duqueza de Palmella, marquezas de Fronteira e de Rio Maior, D. Thereza Bocage e D. Marianna Andrade, ao contrario do que acontece sempre com todas as commissões, trabalhou e trabalhou deveras, com alma e coração, e é a ella que se deve o brilho desusado que teve essa festa, o cunho de alta elegancia, de notavel originalidade que a tornou distincta no meio d'esse delirio de festas de caridade que para ahi tem havido.

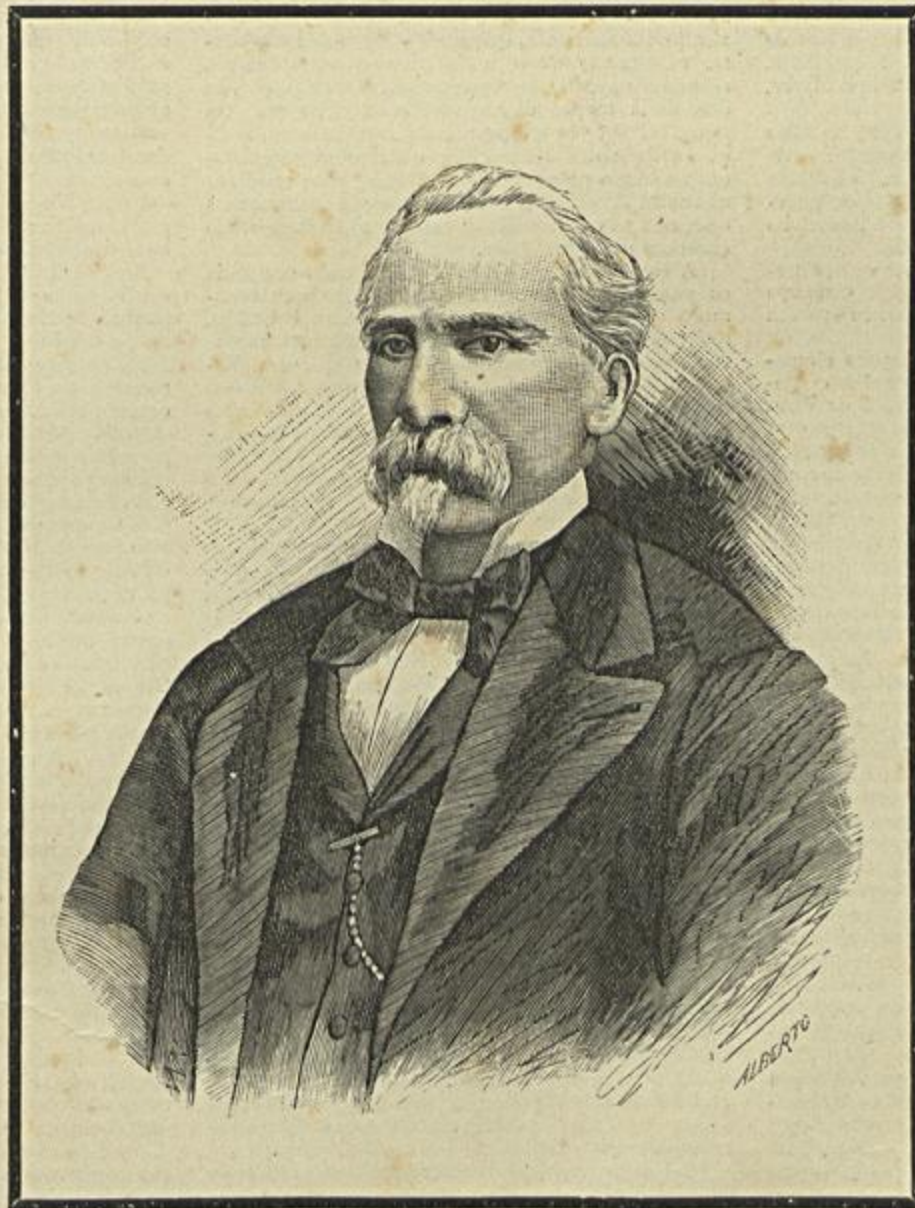
Tomaram parte n'essa festa os srs. marquez de Fronteira e Ruy Collaço, executando magistralmente a dois pianos um difficil e lindissimo concerto de Sanct Saens, que fez enorme effeito, o sr. João de Gouta recitando excellentemente, com a simplicidade d'um mestre, uma poesia expressamente escripta para a festa, por seu pae o illustre poeta Thomaz Ribeiro, e os srs. Pinto da Cunha e D. José d'Almeida cantando aquelle uma romanza italiana, este o cantico das vagas, poesia portugueza de Lopes de Mendonça, musica de Victor Husola, o sr. Guilherme Ribeiro, o distincto professor do conservatorio com o seu orpheon primorosamente ensaiado e executado, o sr. Victor Husola, o eminente professor regente da Real Associação dos Amadores de musica, dirigindo o concerto instrumental em que tomaram parte 180 executantes — os amadores de musica reunidos á Associação 24 de julho, — e de que foram o *clou* as suas tres magnificas rhapsodeas de musica portugueza e finalmente quatorze dos nossos mais notaveis artistas comicos, Jesuina, Barbara, Florinda, Amelia Barros, Taborda, Valle, Alfredo de Carvalho, Dias, Silva Pereira, Cardoso, Setta, Queiroz, Augusto e Mello; representando como verdadeiros mestres uma farça n'um acto o *Festim de Balthasar*, escripta expressamente para essa representação unica, pela pessoa que escreve estas linhas.

O theatro estava ornamentado com uma perfusão enorme de plantas, flôres e verdura, e com uma elegancia distinctissima, elegancia que denunciava o supremo bom gosto da illustre senhora, da grande artista que dirigira aquella ornamentação — a sr.a duqueza de Palmella.

Apesar dos preços serem muito elevados foi grande a concorrencia ao theatro e o publico festejou calorosamente todos que tinham tomado parte n'essa excepcional festa cujo producto é destinado a um tão nobre e santo fim.

* * *

Dois dias depois da brilhante festa de S. Carlos, um compromisso tomado com uns amigos, forçou-me a partir para Portalegre e Castello de Vide, d'onde acabo de chegar n'este momento, ao cabo de oito dias passados no Alemtejo.

D'essa rapida viagem trazemos umas notas que começaremos a publicar no proximo numero do OCCIDENTE, mas não queremos nem devemos deixar de registar aqui a abertura da exposição industrial, agricola e artistica do districto de Portalegre, exposição que vimos inaugurar e que se não é um grande acontecimento na historia do mundo, é uma exposição modesta, pe-

GENERAL FRANCISCO MARIA DE SOUZA BRANDÃO — FALLECIDO EM 26 DE MAIO DE 1892

(Segundo uma photographia)

quena mas que faz muita honra aos expositores que n'ella apresentam os seus productos e ao homem que a iniciou e que a levou a effeito.

Porque a exposição de Portalegre tem sobretudo de curioso o ser promovida e realisada sem o auxilio de corporações particulares, quasi que por um individuo só, um homem que é a alma, a vida do Montepio Operario Portalegrense e que foi o promotor d'esse certamen da industria, da agricultura e das bellas artes do seu districto, o sr. José Maria Rosa.

Nas nossas notas de viagem teremos mais d'uma vez occasião de nos referirmos largamente a essa sympathica individualidade, a esse prestante cidadão cuja infatigavel actividade e extrema dedicação é tão rara no nosso tempo e na nossa terra, e deixando para então o sr. José Maria Rosa tratemos agora apenas de analysar rapidamente a exposição, que é obra sua, pode-se dizer.

A exposição acha-se installada no edificio da escola industrial Fradesso da Silveira no largo da Sé de Portalegre.

Tem apenas tres salas e n'ellas se veem agrupados com elegancia, dispostos com arte os productos principaes da industria portalegrense, da agricultura e da arte ornamental.

A parte mais brilhante da exposição é a parte industrial cabendo logar d'honra á industria de lanificios da Fabrica de Lanificios de Portalegre, dirigida pelo commendador José Antonio Duro, que expõe casimiras, diagonaes, cheviotes, para fato d'homem, e mohair branco para vestidos de senhora, chales de fantasia, muito bem fabricados e de excellente gosto.

As fabricas de lanificios de Gomes & Ribeiro, de Costa & Irmãos, expõem tambem productos muito dignos de louvor como mantas alemtejanas, castelletas, casimiras baratas, etc.

A agricultura está pobremente representada, porque muitos agricultores descrendo que um homem só podesse desprotegido do auxilio do Estado levar a cabo a exposição, não mandaram os seus productos, mas ainda assim figuram nas montres da exposição de Portalegre magnificos azeites, vinhos, vinagres e cereaes dos concelhos de Portalegre, Castello de Vide, Niza, Elvas, Avis, Crato, Alter do Chão, Ponte de Sôr, Campo Maior, Marvão e Arrouches.

As artes manuaes estão tambem representadas na exposição: na marcenaria ha umas cadeiras de estylo antigo muito bem feitas pelo sr. José Maria dos Santos e excellentes comodas, toilettes, guardas-loiças, leitos, marcenerias dos srs. Francisco Castello, Brito Callado e José Florindo.

E' notavel n'esta secção da exposição um espelho em miniatura, feito pelo sr. Manuel Caetano da Resurreição cuja moldura em madeira era um primor d'arte e paciencia.

São tambem muito admiraveis e muito elogiadas as molduras de madeira feitas pelos cegui-nhos do azylo da Esperança em Castello de Vide, azylo que é um modelo e a que nos referiremos tambem largamente nas nossas notas de viagem.

Em serralharia ha de notavel os instrumentos de precisão feitos pelo sr. Charaes estudante da escola industrial e um fogão feito pelo sr. Meiras de Campo Maior.

E' curiosa a exposição da fabrica de alpercatas e é notavel a exposição de productos typographicos saidos da typographia Sanches, de Portalegre.

Bordados ha alguns bonitos, feitos com grande nitidez como de flôres d'arroz e miolo de figueira feitos pela sr.ª Maria Severiana Gomes, flôres de lã feitas pela sr.ª Maria Guedes Franco, rendas de bilros imitando as redes de Peniche, feitas pelas sr.as D. Rita Mendes e D. Thomasia Mexia.

Na secção de objectos antigos ha alguns de grande valor avultando entre elles uma bacia e jarro de prata avaliada em 6:000$000 réis, pertencente, ao sr. Barahona umas collecções de moedas antigas entre ellas algumas do tempo do Prior do Crato, que são raras; um quadro representando o descimento da cruz pertencente á Sé de Portalegre attribuido a Raphael, e um outro representando um presepio attribuido a Rubens e pertencente ao nosso amigo o sr. visconde de Reguengo e que foi por seu avô, o primeiro conde de Avilez, encontrado na carruagem de José Bonaparte depois da batalha da Victoria.

Na secção de paramentos de egreja distingue-se uma custodia pertencente á egreja de S. Lourenço, cravejada de diamantes e de puro estylo manuelino e um christo de marfim pertencente ao seminario de Portalegre e que já figurou na exposição de arte ornamental em Lisboa.

A exposição foi inaugurada no dia 5 pelo sr. Conselheiro Perestrello Corte Real, governador civil do districto, que n'uma breve allucoção fez plena justiça ao trabalho infatigavel á fé e á coragem com que o sr. Rosa venceu as enormes difficuldades que encontrou para a realisação d'essa primeira exposição portalegrense, que é uma honra para o districto, uma honra para ella e para os srs. capitão Luz, Dr. Ernesto da Motta, Fino, Prat e Mattos que o coadjuvaram brilhantemente nos seus trabalhos.

Quando saimos de Portalegre estava aberta já ha tres dias a exposição e a concorrencia de visitantes ainda não tinha afrouxado.

Felicitamos Portalegre pela sua exposição e um bravo a todos que a ella concorreram, a começar pelo sr. José Maria da Rosa illustre director do Monte-pio Operario Portalegrense que tantos progressos vae fazendo e tanto vae engrandecendo a sua terra.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL FRANCISCO MARIA DE SOUZA BRANDÃO

Mais um portuguez illustre tombou no tumulo, mal serrado ainda sobre outros benemeritos da patria, de que a morte n'estes ultimos tempos tem feito tão farta ceifa.

Coube agora a vez ao general Souza Brandão, resto ainda d'esses heroes do primeiro quartel d'este seculo, que foi tão prodigo em homens de valor quanto este seu final vae sendo pobre e mesquinho.

Todas as nações tem passado por estas alternativas e tem tido as suas epocas de decadencia e epocas de brilho.

Portugal está entrando agora n'um periodo de decadencia, porque os seus homens de valor e acção vão desapparecendo no tumulo, não deixando, infelizmente, quem os substitua dignamente, resultando d'isto a decadencia que cada dia agmenta nas manifestações da vida social, eivada dos mais torpes vicios, que a inutilisa para as grandes, acções e commettimentos substituindo as verdadeiras dedicações, o desprendimento, o enthusiasmo pelos grandes ideaes, pelo mais requintado egoismo, gastando os seus enthusiasmos doentios nas enfezadas obras que o seu organismo enfermo póde produzir.

E' esta uma triste verdade, que cada vez mais se vae affirmando, com este resvalar para o tumulo dos homens do valor de Souza Brandão, um trabalhador infatigavel, um democrata convicto, um verdadeiro amigo do proletario, que procurou quanto em si coube melhorar a sorte dos que trabalham e mal aufferem do seu trabalho com que satisfazerem as mais naturaes e modestas exigencias da existencia.

* * *

Francisco Maria de Souza Brandão nasceu em Murtosa a 11 de maio de 1818, epoca das mais difficeis que Portugal tem atravessado, mas em que teve portuguezes energicos, cheios de patriotismo que souberam luctar e vencer as difficuldades que assoberbavam a nação.

Souza Brandão foi um d'elles, pois que, apenas aos 15 annos de idade, sahiu da casa paterna para ir livremente alistar-se nas fileiras do exercito liberal, o que realisou no Porto a 20 de fevereiro de 1834, entrando pela primeira vez em fogo a 23 de março seguinte, em Santo Thyrso, onde logo revelou o seu valor de soldado portuguez, distinguindo-se em Lixa ao lado dos soldados do conde de Villa Flôr, depois duque da Terceira, que era o commandante da divisão, em que o joven soldado se tinha alistado.

A estas acções seguiram-se outras em que Souza Brandão tomou parte até á convenção de Evora Monte, com que terminou as campanhas da liberdade.

Souza Brandão matriculou se então na Academia Polytechnica do Porto, d'onde passou depois a estudar na Escola do Exercito de Lisboa, concluindo brilhantemente o seu curso em 1842 e voltando de novo ao exercito foi nomeado tenente para o Estado Maior.

Mas ás companhas da liberdade succederam-se as luctas armadas dos partidos, conhecidos por Cartistas e Cabralistas, e o estado aguerrido em que se achava o paiz, que ha pouco vira apagar o fogo dos seus canhões, não lhes permittiu platonismos e de novo se revoltou com as armas na mão acendendo a guerra mal extincta.

Souza Brandão democrata por indole e por principios, poz se do lado do povo que deffendia a liberdade ha pouco conquistada, e lá foi com José Estevam, Passos, Cesar de Vasconcellos e outros liberaes combater em Torres Vedras.

A sorte adversa obrigou-o a emigrar para fóra do paiz e homisiou-se em França, onde cursou os estudos de engenheiro de pontes e calçadas.

Esteve em Paris até 1848 e ahi assistiu á grande revolução que derrubou Luiz Filippe e proclamou a republica. Este triumpho da democracia impressionou vivamente o espirito de Souza Brandão e mais lhe firmou as suas ideias democratas por que tanto pugnou toda a sua vida.

A primeira commissão de que o governo o encarregou, aproveitando as habilitações de Souza Brandão, foi a de director das obras publicas dos districtos de Vizeu, Villa Real e Bragança, para que o nemeou em 1849.

A queda do governo de Costa Cabral derrubado pela revolução de 1851, iniciou uma nova epoca em Portugal, a epoca dos melhoramentos materiaes do paiz, que se tem prolongado até nossos dias e em que as obras publicas tomaram o desenvolvimento que até ali não tinham.

A engenharia tinha a tomar uma parte importante n'essa transformação, e os conhecimentos especiaes de Souza Brandão não podiam deixar de ser aproveitados com vantagem para o paiz.

Asssim fez parte dos estudos do caminho de ferro de Leste, em 1852, e pouco depois nomeado presidente da commissão encarregada de estudar o caminho de ferro do Norte, e em que elaborou o projecto da linha de Coimbra ao Porto, affirmando a sua grande capacidade scientifica.

A este trabalho seguiram-se outros de identica natureza em que o encontramos, fiscalisando as primeiras construcções do caminho de ferro do Alemtejo, dirigindo os estudos do caminho de ferro de Vendas Novas a Evora e a Beja, elaborando os estudos do caminho de ferro do Douro, do Minho, da Beira Alta, da Beira Baixa e por fim os de via reduzida do Norte.

Tendo de se proceder a uma inspecção no caminho de ferro da Beira Alta, antes de ser aberto á circulação publica, foi Souza Brandão escolhido pelo governo para essa commissão da mais grave responsabilidade.

Desempenhou por vezes o cargo de inspector das Obras Publicas e era vogal supplente da junta consultiva.

Eis aqui o engenheiro distincto que empregou a melhor parte da sua vida servindo o paiz com bem fundada competencia e incansavel zelo.

Na carreira militar chegou a general de divisão, em 5 de março de 1890, tendo a medalha das campanhas da liberdade, algarismo n.º 1, e a commenda de Christo.

Na politica foi sempre um intransigente que não renegou os seus principios democratas, e morreu como viveu, firme nas suas ideas, que pôz ao serviço das classes trabalhadoras, pelas quaes luctou para lhes melhorar a sorte.

Passou pelo parlamento, sendo eleito deputado pela Feira em 1865.

Essa camara não deu maioria, ao governo do marquez de Sá e de Antonio José d'Avila, o qual cahiu, seguindo se um periodo de crises e luctas politicas, em que Sousa Brandão se conservou firme no seu posto de aberta opposição ao governo até ao terminar á legislatura em 1868.

A este tempo, porem, já os trabalhos de Sousa Brandão em favor do principio associativo eram importantes, no campo pratico como homem de acção que era.

Pouco depois do seu regresso a Portugal, emprehendeu a publicação do *Eco Operario*, primeiro jornal socialista que se publicou entre nós. Era um jornal de propaganda que fazia vêr ás classes trabalhadoras as vantagens da associação, e preparando assim os espiritos principiou a fundar associações de auxilio mutuo d'onde nasceu o *Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas*, a *Fraternidade Operaria*, *A Cooperativa Industria Social*, a *Caixa de Credito Industrial*, e outras fundadas e auxiliadas por Sousa Brandão, em que ultimemente se conta o *Banco do Povo*, instituição criada sob os melhores auspicios e com o mais louvavel fim de protecção aos industriaes, mas que a corrupção dos tempos que vão correndo tambem não poupou.

Mas não se limitou a propaganda de Sousa Brandão a Lisboa. Foi tambem expressamente ao Porto, como outro centro industrial, pregar as suas doutrinas que produziram fructos, que mais tarde, elle poude ver sasonados e que lhe deram a grande satisfação de ser o portuguez que mais concorreu para a fundação das associações de mutuo auxilio.

Foi verdadeiramente incansavel na sua propa-

ganda, procurando não só reunir os operarios, mas proporcionar-lhes a instrucção de que tanto careciam.

Escreveu um livro que denominou *O Trabalho*, em que tratou largamente os principios de economia social. Foi o primeiro livro que em o nosso paiz se escreveu sobre o assumpto.

Fundando-se em Lisboa, em 1873, o partido republicano, Sousa Brandão foi dos primeiros a encorporar-se nas suas fileiras, e desde logo considerado um dos seus membros mais respeitaveis e queridos, pela firmeza e sinceridade das suas convicções, pelo que lhe foram sempre confiados cargos na direcção do mesmo partido, sendo eleito para o primeiro directorio que se constituiu em Lisboa.

A sua morte foi uma grande perda para o paiz em geral e para o partido republicano em especial, que n'elle perdeu um dos seus membros mais valiosos e respeitaveis.

Sousa Brandão de uma constituição robusta e cheia de vida, não fazia suppôr que a morte tão cedo se abeira-se d'elle. Póde dizer-se que morreu victima do dever e do zelo que tinha nas commissões que lhe eram confiadas.

Partira ha mezes para Hoelva onde ia fazer uns estudos nas minas, quando um desabamento da via ferrea, o deteve no caminho, tendo que ficar em uma pequena aldeia proxima do logar do desabamento. Adoeceu ali d'um anthraz, para tratar o qual foi expressamente chamado de Lisboa o sr. dr. Mattos Chaves. Curado d'aquella enfermidade, que aliás o deixou abatido, continuou a sua viagem, não attendendo aos rogos que seus filhos lhe fizeram para que voltasse a Lisboa a restabelecer-se completamente—«O meu caminho é sempre paro diante», e seguiu.

Em Huelva foi accommettido de uma febre palustre que nunca mais o abandonou e o matou por fim, em Lisboa, para onde regressou já quasi sem vida.

Sousa Brandão morreu com 74 annos, tendo atravessado uma existencia laboriosa e prestante ao seu paiz.

O seu funeral foi uma manifestação imponente, em que as classes operarias tomaram parte importante ao lado dos homens de mais elevada posição social, que todos eram amigos do venerando general, porque todos faziam justiça ao seu grande caracter.

OS NOVOS MINISTROS

Decorridos pouco mais de cinco mezes depois da formação do ministerio persidido pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira, as complicações das finanças da administração levaram esse ministerio a recompôr-se, que assim se póde chamar á mudança que houve nos conselhos da corôa, apesar do presidente ter pedido ao Chefe do Estado a demissão que foi acceite por El-Rei.

Tornou, porém, o sr. conselheiro José Dias Ferreira, a ser encarregado de formar novo gabinete o que logo conseguiu, ficando os mesmos ministros do ministeriodemissionario á excepção dos srs. Oliveira Martins, da fazenda, visconde de Chancelleiros, das obras publicas e Costa Lobo, dos estrangeiros, entrando dois ministros novos, os srs. conselheiros Telles de Vasconcellos para a pasta da justiça e Pedro Victor para a das obras publicas, passando o sr. bispo de Bethsayda para os estrangeiros e ficando o sr. conselheiro José Dias Ferreira com a presidencia, pasta da fazenda e pasta do reino.

E' dos dois novos ministros que hoje publicamos os retratos no OCCIDENTE, acompanhando-os com algumas breves notas biographicas.

CONSELHEIRO PEDRO VICTOR DA COSTA SEQUEIRA ministro das Obras Publicas Commercio e Industria.

Tem 46 annos de idade, é engenheiro de minas e bacharel em mathematica e em philosophia pela Universidade de Coimbra, antigo deputado, que tem tomado parte muito activa nos trabalhos parlamentares, militando no partido regenerador e occupando um dos primeiros logares na imprensa d'este partido.

Foi no *Diario de Portugal* que estreiou a sua pena de jornalista, combatendo abertamente a situação progressista de 1879 a 1881.

O governo regenerador, que então subiu ao poder, nomeou-o governador civil de Beja, nomeação que foi bem recebida pelos povos d'aquelle districto, onde o sr. Pedro Victor era bastante conhecido pelos seus trabalhos de engenheiro, nas minas do Sul do Alemtejo.

Nas eleições das cortes constituintes de 1884, foi eleito deputado por Mertola, e nas eleições progressistas de 1887 foi eleito deputado por Beja em opposição ao governo, sendo eleito em 1889, e em 1890 nas eleições extraordinarias do governo regenerador.

Quer no parlamento quer na imprensa combateu sempre os governos progressistas, destinguindo-se no parlamento na discussão das obras do porto de Lisboa e no projecto das estradas por empreitadas geraes, em que affirmou os seus conhecimentos technicos e praticos com rara lucidez.

Na imprensa tem collaborado com assiduidade na *Gazeta de Portugal*, no *Jornal do Commercio*, no *Correio da Manhã* e no *Reporter*.

Nas situações extra partidarias que ultimamente tem regido os destinos do paiz, tem acompanhado o seu partido na attitude benevola que este resolveu adoptar para com essas situações, tomando parte activa nos trabalhos das commissões das camaras, em que foi relator dos projectos do monopolio dos tabacos, dos alcools e outros.

Tem sido tambem um dos mais dedicados defensores dos interesses da nossa agricultura, pelo que é de esperar que, no alto cargo que foi convidado a desempenhar, faça alguma coisa em beneficio d'este grande elemento da riqueza publica.

O distincto engenheiro que hoje occupa o logar de ministro das obras publicas é sobrinho do grande pintor portuguez Domingos Antonio de Sequeira, uma gloria da arte portugueza.

CONSELHEIRO ANTONIO TELLES PEREIRA DE VASCONCELLOS PIMENTEL, ministro da justiça e dos ecclesiasticos.

Dr. em direito pelo Universidade de Coimbra, ha mais de trinta annos que occupa no parlamento um logar destincto, primeiro como deputado e depois como par do reino, sendo ultimamente presidente da camara dos pares, cargo por sem duvida, superior ao de ministro da corôa para que foi agora chamado, o que já por mais vezes lhe fôra offerecido, mas que sua ex.ª não acceitou apesar de muito instado.

Natural da Guarda tem em toda a provincia da Beira um grande prestigio politico, sendo o chefe do partido regenerador n'aquella provincia.

Começando a sua carreira publica por governador civil, foi pouco depois eleito deputado pela Guarda, conservando o seu logar no parlamento em legislaturas successivas até á sua nomeação de par do reino.

Na magistratura occupa o alto cargo de vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Pertence á velha guarda do partido regenerador e por elle tem luctado no parlamento e na imprensa, tomando sempre parte nas questões mais importantes que se tem ventilado.

Correm impressos escriptos seus importantes sobre questões administrativas tratadas com a mais reconhecida competencia.

Como dissemos, o seu nome foi muitas vezes indicado para ministro, mas o sr. Telles de Vasconcellos escusou-se sempre, e acceitando agora o espinhoso encargo, não obedeceu decerto á vaidade, mas ao seu coração de patriota, porque o é.

NOVO EDIFICIO DO BANCO DE ESPAÑA

Possue a Hespanha um magnifico estabelecimento bancario, feito expressamente para esse fim, e que é hoje um dos edificios mais grandiosos que se pode vêr em Madrid.

A instituição bancaria em Hespanha data de 1782, anno em que, sob a protecção do rei D. Carlos III, se fundou em Madrid o *Banco de San Carlos*. Durou pouco tempo este banco em consequencia das calamidades que affligiram a Hespanha por aquella epoca, entretanto estavam reconhecidas as vantagens de um estabelecimento d'esta ordem, o que levou a refundir-se o primeiro banco sob novos regulamentos, com o titulo de *Banco de San Fernando*, por carta regia de 9 de julho de 1829. Esté Banco devia subsistir vinte annos.

Em 1844 porém, sob os auspicios de varias casas commerciaes, creou-se em Madrid um outro estabelecimento bancario com o titulo de *Banco de Izabel II*, que a experiencia logo mostrou não poder subsistir, em consequencia do pouco movimento da praça não chegar para sustentar dois estabelecimentos d'aquelle genero.

Pensou-se então em fundir os dois bancos, o que se effectuou por decreto de 25 de fevereiro de 1847, ficando um só sob o titulo de *Banco Español de San Fernando*. Por ultimo, em 28 de janeiro de 1856 uma lei decretada pelas cortes constituintes mudou o titulo d'aquelle banco pelo de *Banco de Espana* que tem conservado até ao presente.

O desenvolvimento que o *Banco de España* tem attingido nos ultimos tempos é consideravel e fez reconhecer a neccessidade de se instalar n'um edificio proprio.

No dia 3 de Março de 1891 foi inaugurado o sumptuoso palacio do *Banco de Espana* celebrando-se na sala das sessões assembleia geral dos accionistas sob a presidencia do governador do banco sr. D. Caetano Sanchez Bustillo.

Levanta-se o edificio n'um dos sitios mais concorridos de Madrid moderno, entre as grandes avenidas que formam a *calle de Alcalá e Paseo del Prado*, e no grande solar que occuparam as nobilissimas moradas dos duques de Ariou, marquezes de Monterrey (depois egreja de S. Firmino) e marquezes de Carpio e d'Alcañices, comprehendendo uma superficie total de 8:584 metros quadrados.

O primeiro projecto feito pelos distinctos architectos D. Eduardo de Adaro y Magro e D. Severiano Sainz de la Lastra, premiado com medalha de primeira classe na Exposição Nacional de Bellas-Artes em 1884, soffreu depois notaveis ampliações, em consequencia da acquisição de novos terrenos contiguos aos que serviram de base ao dito projecto, de maneira que a planta actual do edificio é um tanto irregular comprehendendo agora uma linha de 65 metros na *calle de Alcalá*, uma linha de 156 metros no *Passeo del Prado*, uma linha de 10 metros cortando o angulo formado por aquellas duas linhas e outra linha de 56 metros na *calle de Greda*.

A primeira pedra d'este edificio foi collocada solemnemente no dia 4 de julho de 1884 presidindo áquelle acto o fallecido rei de Hespanha D. Affonso XII. Sobre aquella dilatada superficie levanta-se o sumptuoso palacio com quatro elegantes e artisticas fachadas em cuja construcção se empregou pedra granitica no corpo inferior, pedra branca marmore de Alconera no corpo superior e marmore de Carrára nas partes decorativas d'estes corpos.

A fachada da linha que corta o angulo entre a *calle de Alcalá* e *Passeo del Prado* correspondente á entrada principal do edificio é bellissima e ao mesmo tempo severa; o corpo inferior consta de um intercolunio dorico sustentando um grandioso arco e as elegantes columnas, que teem bases e capiteis de marmore preto lavrados delicadamente; o segundo corpo é formado por uma formosa janella a cujos lados se levantam airozas columnas que sustentam um arco da janella, ricamente decorado nas suas fachas e imposta; o terceiro corpo, o coroamento da fachada, consta de um gracioso grupo esculpido sobre a linha da simalha superior formado pelo circulo do relogio entre dois genios; ha tambem nos tres corpos bellissimos trabalhos de esculptura com variados modelos de vegetação, caduceus, reversos de moedas, um busto de Mercurio e outros atributos de commercio, apresentando o conjuncto muita elegancia e riqueza.

A fachada do *Passeo del Prado*, que é a principal, consta de tres corpos um central e dois lateraes, o primeiro tem tres entradas com arco em cemi-circulo, e o do meio, sobre o qual se levanta uma janella tambem de arco cemi-circular, sustentado por intercollunios com arcos. A linha superior é terminada por uma formosa esculptura representando as armas d'Hespanha.

Os outros dois corpos lateraes da fachada, cada um de tres janellas, ostentam iguaes envasamentos e janellas nos andares de baixo e subterraneo, galeria de arcos em cemi-circulo no andar principal, galeria alta no segundo andar e balaustrada sobre a simalha de coroamento, e estes dois corpos lateraes tem em seus extremos pavilhões de feitio identico aos lateraes da fachada da *calle de Alcalá*.

Esta fachada da *calle de Alcala*, tambem severa e bellissima, consta igualmente de tres partes, dos pavilhões lateraes de ingresso que são exactamente eguaes e um corpo de edificio entre ambos. Tem os pavilhões largas portas de arcos de cemicirculo adornado com lindas decorações e preciosos medalhões nos lados; uma espaçosa tribuna formada por intercolunnios que sustentam um grande arco e com arrendados de florida ornamentação, uma segunda tribuna no andar superior ornada com estatuetas que surgem das columnas do andar principal e figuram sustentar a simalha de remate, sobre a qual se levanta a balaustrada.

O corpo intermedio d'esta fachada tem na parte inferior um grande socco onde se abrem nove pequenas janellas do subterraneo, por cima d'estas se levantam outras nove que correspondem á sobre loja; uma magnifica galeria de nove janellas de arcos de semi-circulo com elegantes columnas com capiteis lavrados e linda balaustrada, tudo isto forma o andar principal; outra galeria de de-

zoito janellas correspondendo duas a uma das do andar inferior e separadas entre si por largas pilastras, constitue o corpo do segundo andar e por cima d'este se estende a cimalha e competente balaustrada que termina a fachada.

Por ultimo a parte da *calle de Greda* consta de um corpo central e de quatro janellas e portas, no mesmo estylo.

Esta grandiosa edificação fez-se sob a direcção dos architectos auctores do projecto, e por fallecimento de D. Severiano Sáinz de la Lastra, entrou para a direcção o architecto e academico D. Lorenso Alvarez Capra, que renunciou o cargo ao fim de tres mezes por motivo de saude, sendo substituido pelo architecto D. José Maria Aguilar que com D. Eduardo Adaro y Magro, um dos auctores do projecto, dirigiu a edificação até ao fim.

As obras de esculptura e moldagem são devidas aos esculptores Sunoi, Sanmartin, Bancells, Alguero e Molinelli.

A edificação gastou pouco mais de seis annos e importou em quinze milhões de pesetas ou 255:000$600 da nossa moeda.

IMPERIO DO ESPIRITO SANTO

NOS AÇORES

Referem antigos escriptores ter sido em Alemquer que se estabeleceu o primeiro *Imperio do Espirito Santo*, por devoção de el-rei D. Diniz e da rainha Santa Isabel, que ali tinha já edificado a igreja do Espirito Santo.

Era pomposa a festividade que no dia de Pentecostes se celebrava na egreja de S. Francisco d'aquella villa, em que se via o denominado *Imperador* n'um throno debaixo de docel, tendo na cabeça uma corôa real, doada pela Rainha Santa, depois de a ter offerecido no altar. No sabbado, vespera da festa, a corôa era levada em procissão da igreja de S. Francisco para a do Espirito Santo, e no dia immediato pela manhã ia novamente para S. Francisco. O *Imperador*, e dois reis que o acompanhavam, eram então coroados, e d'este modo vinham em procissão para a igreja do Espirito Santo, d'onde pela tarde sahia novamente o *Imperador* «com muitas festas, trombetas e multidão de gente, com cannas verdes na mão, e dois pagens adeante com a corôa, e outro com o estoque; e assim entrava na igreja de S. Francisco [1] » Ahi havia nova coroação, voltando por fim o *Imperador* á igreja do Espirito Santo, onde depunha a corôa nas mãos de um sacerdote.

Nos domingos seguintes continuava a festa, cujos pormenores seria fastidioso mencionar.

Esta solemnidade popular foi-se pouco a pouco celebrando em outras terras do continente e das nossas possessões de além-mar.

Crê-se geralmente que os *Imperios do Espirito Santo* nos Açores foram fundados poucos annos depois de ter começado a colonisação; sendo certo que desde 1492, nas villas de Angra e da Praia (ilha Terceira), se faziam apparatosos *Imperios*, que então se chamavam dos *nobres* (por ser a nobreza que os erigia), distribuindo-se por essa occasião um bodo aos pobres.

O *Imperador* tem corôa e sceptro, memorados nos seguintes versos que traduzem bem a exaltação do sentimento religioso:

> A corôa e o sceptro exaltemos
> Do grande *Espirito Santo*,
> Com devotissimo canto
> De Deus o nome invoquemos:
> Pela corôa esperemos
> Ser coroados na gloria;
> Temos no sceptro a memoria
> Do poder que elle em nós tem.
> Por este sceptro se obtem
> Dos inimigos victoria.

O *Imperio*, que a nossa gravura representa, em todas as freguezias ruraes apparece, vistosamente enfeitado no domingo do Espirito Santo, e nas cidades no domingo da Trindade. N'algumas partes é construido de cantaria e n'outras de madeira, que se arma e desarma, como os coretos para a musica nos arraiaes.

Pela manhã, depois da ceremonia religiosa da coroação do *Imperador* e da benção do pão, dá-se um bodo aos pobres, que são tambem contemplados com carne da vitella, que na vespera, recatambor, dois agitam seus pandeiros, e o quarto mada de boninas e de vistosas flores do campo, foi levada á morte para regalo da meza do *Imperador* no dia da sua festa. E' muito appetitosa a sopa que da mesma carne se faz de noite para ser distribuida de manhã muito cedo por algumas pessoas de consideração e da estima do *Imperador*, e se denomina vulgarmente — *sopa do Senhor Espirito Santo*.

A' tarde sorteiam-se o *Imperador* de todo o anno, o alferes da bandeira, os *Imperadores* do primeiro domingo e os irmãos a cujo cargo ficará o fogo da vespera, os donativos do pão, leite, vinho, etc. E á bôcca da noite, o *Imperador*, com grande sequito leva n'uma salva de prata a corôa para sua casa.

«O prestito, em duas alas com tochas accesas, — diz o esclarecido auctor da *Noticia do archipelago dos Açores* (2.ª ed pag. 200) — vae entoando um terço do rosario, e é precedido por quatro foliões vestidos com opas uniformes de chita, e lenços eguaes na cabeça, um dos quaes tange um conduz uma bandeira de damasco vermelho que tem bordada no centro uma corôa, sobre a qual adeja uma pomba. No meio do cortejo caminha o alferes empunhando uma bandeira em tudo egual á dos foliões. — Algumas, e não poucas vezes, torna-se aquelle prestito mais apparatoso e brilhante, porque n'elle figuram duas alas de raparigas vestidas de branco com tochas accesas, e no meio d'ellas caminha majestosamente a imperatriz, precedida da porta-estandarte, levando a corôa n'uma bandeja de prata, e seguida, a respeitosa distancia, das suas damas de honor.»

Na vespera da festa, os foliões percorrem vagarosamente as ruas e caminhos proximos do imperio, cantando trovas ao Senhor Espirito Santo, antiga usança correspondente ás lôas dos cirios no continente.

Resta dizer que, á entrada do *Imperador* em casa, colloca-se a corôa n'um altar, coberto de flores e de luzes; ao lado põe-se a bandeira e, terminadas as rezas, começa o baile, ou *balho*, como lá dizem, que é conhecido pelo nome de *chamarita*. Esta folgança repete-se em outros dias com grande prazer das raparigas do campo e dos *casacas* da cidade. E' escusado accrescentar que não raro os D. Juan açorianos usurpam aos des-

[1] F. M. Esperança — *Hist. Seraf.* c. 37.

OS NOVOS MINISTROS

CONSELHEIRO PEDRO VICTOR DA COSTA SEQUEIRA

Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria

CONSELHEIRO ANTONIO TELLES PEREIRA DE VASCONCELLOS PIMENTEL

Ministro da Justiça e dos Ecclesiasticos

confiados Mazetos as boas graças das suas repolhudas Zerlinas. E quando, por grande fatalidade, succede aguar-se a festa, e subito rebenta grossa pancadaria, por fim acaba sempre tudo em bem, ao grito sacramental de — *Viva o Senhor Espirito Santo!*

Alberto Telles.

CONTOS ESCOLHIDOS

A GUERRA

Logo abaixo dos açudes, ficava de uma banda do rio a azenha do Euzebio moleiro, e da margem opposta, um pouco mais abaixo, a azenha do tio Anselmo.

Eram dois velhotes viuvos, de bons sessenta annos, e amigos desde creanças. Para contradicção do anexim popular, estes dois moleiros queriam-se como dois irmãos, a despeito de serem do mesmo officio.

Parece que o rio, n'aquelle sitio, era até mais pittoresco! Por detraz das azenhas descia a enfesta de uma cerrada deveza de carvalhos e sobreiros, com o atalho aberto ao meio, que era por onde seguiam os machos carregados com os taleigos da fornada. Mesmo á ourela havia alguns amieiros e choupos, que se debruçavam sobre o rio. As aguas caídas nos açudes vinham costeando uma gandara, escondiam-se em meio de um cannavial, e surgiam depois mais limpidas até ás rodas do moinho, que as marulhavam e batiam constantemente.

No verão, quando a levada era minguada, os dois velhotes visitavam-se a miudo, atravessando destemidamente pelas poldras; mas, quando as chuvas do outomno principiava a tornar o rio caudaloso, limitavam-se então a fallar de um lado para o outro. Era triste! Já tão velhotes! E depois dizia o Euzebio:

— Anselmo, falla mais alto, que te não ouço.

— O que é? — perguntava o outro, inclinando o pavilhão da orelha.

O Euzebio fazia um porta-voz com as mãos, e gritava:

— Não te entendo.

Quando chegavam a fallar, concordavam sempre que era o barulho das rodas do moinho, que os não deixava ouvir. Isso sim! Era o peso dos annos que os tinha quasi surdos de todo. Pobres velhos!

O Euzebio tinha um filho, que era um rapagão de vinte e dois annos, como um castello! Ainda o dia vinha longe, já elle estava a trabalhar, que era um regalo a gente vel-o.

— Lida como um mouro! diziam os conhecidos.

E se havia esfolhada, ou espadellada, quem lá não faltava era elle.

O pae, que, n'outros tempos, tinha sido um folião, dizia-lhe, á bôca da noite:

— Simão, se tens de ir a algures, parte, que eu cá fico, para aviar os freguezes.

— Estava arranjado! — respondia o moço a rir. — Vocemecê já deu o que tinha a dar. Agora coma e beba, e deixe-me cá com a vida!

Primeiro que tudo estava a sua obrigação. O rapaz, assim que não tinha mais freguezes a aviar, fechava a ucha do moinho, e partia então para a brincadeira. E o velhote do pae, quando alguem lhe contava os diabruras do filho, parece que até a alma se lhe ria na menina dos olhos.

O Anselmo tinha uma filha. Chamava se ella Margarida, e era formosa, d'aquella formosura campezina, sem artificio, jovial e expansiva. Em dotes do coração — que é a principal belleza! — nem as mais virtuosas a excediam.

NOVO EDIFICIO DO BANCO DE ESPAÑA, EM MADRID

Desde pequenina foi Margarida creada com Simão. Se não ficasse mal estabelecer agora parallelos já sabidos e repetidos, estava em dizer que os dois se queriam e estimavam como *Paulo e Virginia*.

Quando os quinze annos de Margarida, que era mais nova dois do que Simão, vieram pôr termo aos brinquedos de infancia, então principiou elle a olhal-a com aquelle respeito com que se olha para uma irmã mais velha.

Mas vá-se desde já sabendo que esse respeito não estorvava, antes acrysolava um outro sentimento, que principiava a exercer e a avultar no generoso coração do rapaz.

Margarida, quando Simão lhe fallava na sua tristeza e no seu amor, fingia-se contrariada, carregava o sobr'olho e mudava de conversa.

D'estas esquivanças repetidas ateou-se o fogo da paixão na alma do moleiro

— Margarida — dizia-lhe elle de uma vez — se não quizeres casar comigo, hei de morrer solteiro.

— Não te faltam mulheres, Simão

— E se te vejo ser de outro — protestava o rapaz com as lagrimas nos olhos — não sei que faça, que me não mate.

E Margarida era tão cruel, que assim desprezasse o seu amigo e companheiro de infancia?!

Nós veremos já até onde vae a dedicação de uma mulher.

*
* *

Isto passava-se no tempo em que se guerreavam os partidos de D. Pedro e de D. Miguel.

Quando ás aldeias chegavam noticias aterradoras, as mães estremeciam ao contemplar os filhos afadigados na lavoura.

— De mortos nem a conta se sabe! — diziam os mensageiros. Vae por ahi o fim do mundo!

— Jesus, Senhor! E então diz que é guerra de irmão contra irmão! Valha nos Deus!

De uma vez, oito soldados e um furriel pararam á porta da azenha do Euzebio. Passado um instante, a gente da aldeia chorava com brados afflictivos, vendo o Simão do moleiro atravessar no meio da escolta com os braços presos, como um degredado! O velho, assim que lhe arrebataram o filho, ainda tentou abraçal-o; mas — coitadinho! — como já lhe custava a andar, quando chegou á porta, ía o rapaz a subir a encosta.

Aos gritos da visinhança acudiu Margarida ao postigo da azenha. Perguntou o que tinha acontecido da outra banda; e, quando lhe disseram que o Simão tinha sido levado para a guerra, a pobre rapariga soltou um grito agonisante e caíu desfallecida nos braços do pae.

As aguas tinham engrossado com as ultimas chuvas, e os dois velhos, quando se avistavam de longe, desatavam a chorar, como duas creancinhas!

Decorridos oito dias, a gente da aldeia acordou sobresaltada com o tiroteio, com o rufo das caixas e o som dos clarins. Feria-se uma batalha a pequena distancia.

Quando a tropa ali passou, todos viram o Simão moleiro, que parecia outro! Ia magro, esfalfado, com os sapatos rotos, coberto de pó, a espingarda ao hombro, a mochila ás costas e a chorar! Ao passar rente das casas ía saudando os conhecidos, e dizia ás raparigas que pedissem a Deus por elle.

Saíu do povoado sem ter visto o pae nem Margarida. Levava o coração retalhado!

Assim que a filha do Anselmo o soube, quiz logo ir ter aonde podesse fallar-lhe.

— Isso, Deus te livre! — disse-lhe do lado uma vizinha. — Se lá vaes lá ficas! E, de mais a mais, teres de fallar com soldados! credo!

— Lá isso — atalhou a moça — tambem o Simão é soldado, tia Joaquina!

Ao fim da tarde principiaram a chegar as ambulancias dos mortos e feridos Vinham apinhados, uns com as cabeças ligadas, com as faces empastadas de sangue, outros com os braços ao peito, mutilados, outros com as pernas partidas, quasi todos moribundos!

Nunca se tinha visto uma cousa assim! Aos gemidos dos feridos reuniam-se os clamores da gente que se agglomerava para os ver. Destacavam se algumas phrases das ambulancias:

— Ai! minha pobre mãe!

— Ai! meus ricos filhos!

E as mulheres, quando isto ouviam, de cada vez choravam mais.

Alguem d'entre o povo ouviu gemer de uma das carretas da ambulancia:

— Meu... pae! Marga... rida! Eu morro!

E viu-se que um dos feridos, que ía reclinado, deixou pender a cabeça sobre o peito, e descaír um braço fóra do carro.

Os artilheiros que levavam pela camba dos freios os cavallos insoffridos, voltaram-se para uma formosa rapariga que os interrogava afflicta. O retinir das molas da carreta, rodando nas lages irregulares de uma vereda, não os deixou ouvir. Mas, de repente, a moça approximou-se mais de um carro, pegou no braço que bambaleava estendido fóra da ambulancia á mercê dos solavancos, reparou attentamente n'um annel que o morto levava, e principiou a gritar:

— O Simão! Morreu! Morreu!

E debatia-se angustiada nos braços das amigas que a seguravam.

Quando um vizinho entrou na azenha do Eusebio, para lhe dar a noticia da morte do filho, encontrou o moleiro sentado na ilharga da cama, a rezar, com os olhos postos n'um crucifixo, e um rosario entre os dedos.

— Reze-lhe por alma! — disse o vizinho a chorar.

O velhote, que estava muito mais surdo, ergueu-se, e perguntou espantado:

— O que é? — e applicou os quatro dedos da mão direita ao ouvido correspondente.

— Morreu! — gritou lhe o outro.

O Euzebio empallideceu subitamente, aprumou-se, fitou os olhos no vizinho; e, sem pestanejar, dirigiu-se apressadamente á cabeceira da cama, e tirou detraz uma espingarda.

— Isso para que é, tio Euzebio? — perguntou-lhe o outro ao ouvido.

— Vou matal-os! — respondeu o moleiro com uma voz convulsa. — Vou matal-os!

Mas quando ía, com a espingarda ao hombro, a transpôr a soleira da porta, cambaleou, e caíu fulminado para a outra banda...

Na madrugada do dia seguinte, um moço de lavoura chegou afflicto a casa, a esbofar, dizendo que, pouco abaixo da azenha, víra um corpo de mulher levado na corrente do rio, a fugir, a fugir!...

*
* *

Ainda conheci, ha muitos annos, o pae de Margarida.

Era por uma formosa manhã de abril.

O velho estava fóra da azenha, sentado em uma cadeira de entrevado, com os pés estendidos a uma restea de sol. Em volta d'elle, chilreavam os passarinhos na ramaria frondente do arvoredo.

Referia-me, ao certo, a morte do Simão e do seu amigo Euzebio; e, depois, quando chegava ao lance de ter perdido a filha, voltava a cabeça para o rio, e perguntava baixo, de si para si:

— E a Margarida?!...

E ficava como mentecapto, com os olhos turvos a contemplar as aguas do rio, que derivavam mansamente entre os salgueiros!

Alberto Braga.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XXI

Estamos no mez de janeiro do anno de mil setecentos e cincoenta e nove.

No dia 11 proferia-se a primeira sentença que degredava os conjurados de todas as honras, grandezas, regalias e previlegios que até ali lhes competiram; no dia 12 lavrava-se outra, condemnando-os á morte [1]; e no dia 13 (hora e meia da madrugada), assignava-se a ultima, pela qual as justiças os desnaturalisavam.

Já poucas horas lhes restavam d'existencia.

No largo de Belem avultava sobre o solo um enorme cadafalso com dezoito palmos d'alto, trinta e seis de comprimento e vinte e oito de largura.

Nas quatro faces do feroz patibulo divisavam-se oito rodas para collocação dos cadaveres dos justiçados, bem como differentes e horrorosos utensilios de tortura.

Alguns corpos de infanteria e cavallaria circuitavam o local do supplicio, de modo a obstruirem as extremidades das ruas que dão sahida para o largo.

Esbirros e outra gente de justiça, rigorosamente uniformisados, rondavam as ruas de Belem, e tomavam todas as precauções no sentido d'evitar qualquer tumulto.

As restantes tropas achavam-se de prevenção nos quarteis.

. . . .

Rompe o dia 13, sombrio e triste. [1]

Dir-se-hia que o rei dos astros se escondêra horrorisado do tremendo espectaculo que ia breve começar.

O famoso reinado de D. José celebrisou-se mais por este feito hediondo, do que por todos os rasgos de excelsitude que caracterisam aquelle periodo de prosperidade nacional.

Em toda a parte, onde a civilisação tinha um templo, e até onde chegára a nova d'esta immensa monstruosidade, toda a gente inquiriu se Portugal seria um paiz de feras!...

. . . .

São sete horas da manhã, aproximadamente.

Uma escolta de dragões d'Aveiro, acompanhada de alguns frades, ministros do crime, esbirros, e dois ou tres algozes, penetram nas prisões do *pateo dos Bichos*, e trazem de cadeirinha a velha marqueza de Tavora.

Era ella uma senhora de regular estatura, porte nobre e varonil, e cabellos alvos, cujo rosto accusava ainda os vestigios de grande copia de bellezas, que o tempo e os desgostos pouco a pouco anniquilaram.

Trajava vestido de setim azul, uma capa de sêda alva, e via-se-lhe na cabeça um toucado d'esta côr.

Chegada que foi ao pé da escada do cadafalso, subiu a custo, amparada por dois frades, e deu ingresso na vasta quadra, onde era esperada pelo meirinho das cadeias e por alguns verdugos.

Dragões, frades, algozes e justiça, recolheram de novo ao *pateo dos Bichos*, emquanto a infeliz marqueza percorria forçadamente a superficie do patibulo, *onde lhe eram mostrados e explicados os instrumentos que lhe haviam d'arrancar a vida, bem como as de seus filhos, marido e mais co-réus!!!...*

— Por Deus! bradava a infeliz suffocada pela dôr: Poupae-me a essa horrivel descripção, e abreviae o meu martyrio!...

— Ainda não senhora: Hoje tambem eu sou fidalgo, e vós *relé*... Olhae: Vêdes agora aquelle maço de ferro? Aquelle maço hade cahir tantas vezes sobre os ossos de vossos filhos, marido e parciaes, quantas as necessarias para ficarem moídos como pó...

Estas palavras crúas e deshumanas, eram pronunciadas por um dos carrascos em tom de mofa!

D. Leonor de Tavora, quando o malvado lhe fallou no supplicio a que iam ser submettidos o esposo e os filhos, sentiu que o coração lhe estalava nas ancias da mais feroz agonia!!!...

Que momentos horriveis aquelles!... Que malvadez requintada!... Que indelevel mancha na memoria do Rei e do ministro, que recommendaram e applaudiram a descripção brutal do abominavel algoz!...

Depois, quando o maldito já não tinha mais horrores moraes a inocular na alma da paciente, ergueu o fatal cutelo e fez cahir d'um golpe a formosa cabeça da desventurada fidalga.

Os espectadores, descobrindo-se, encommendaram a Deus a alma da infeliz.

Seguidamente appareceu a terrivel cadeirinha, conduzindo ao vergonhoso açougue um dos maiores innocentes, que figuraram como réus na ampla lista dos condemnados.

Era elle José Maria de Tavora — um mancebo bondoso e formosissimo —, filho segundo dos marquezes de Tavora e capitão do regimento de dragões de Chaves.

Trajava vestes de veludo preto e meias côr de pérola. O seu farto e louro cabello annelado, cahia-lhe em desordem sobre o rosto desbotado.

Amparado pelos frades, subiu a escada do cadafalso e foi mostrado ao povo

Depois, a desditosa creança, pediu a frades e seculares, que lhe rezassem pela alma.

Dos olhos da multidão rompeu o pranto a jorros.

Os proprios carrascos, encanecidos n'aquellas lides de sangue, sentiram o que quer que fosse de dó, quando fitaram o desgraçado.

Alguns momentos depois José Maria de Tavora

---

[1] A sentença proferida pela suprema junta d'inconfidencia, assignada pelos tres secretarios d'estado Sebastião José de Carvalho e Mello, do reino; D. Luiz da Cunha, dos estrangeiros e guerra; Thomé Joaquim da Costa Côrte Real, da marinha e America; e, bem assim, pelos desembargadores Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira; João Pacheco Pereira; João Marques Bacalhau; Manoel Ferreira de Lima; Ignacio Ferreira Souto e José d'Oliveira Machado, condemnou os fidalgos e plebêus implicados na tentativa de regicidio, pelo modo seguinte:

D. José de Mascarenhas, duque d'Aveiro: Exautorado das honras e previlegios de portuguez, de vassallo e creado; degredado da ordem de S. Thiago, de que foi commendador, e relaxado á justiça secular, para que, como um dos tres cabeças ou chefes principaes da infame conjuração, e do abominavel insulto que d'ella se seguiu, seja levado com baraço e pregão á praça do caes de Belem, e que n'ella, n'um cadafalso, seja rompido vivo, quebrando-se-lhe as oito canas das pernas e dos braços, etc., findo o que será o seu corpo reduzido a cinzas. As suas casas serão demolidas e arrazadas, as suas armas picadas e seus bens confiscados para a corôa, etc., etc.

D. Francisco de Assis, marquez de Tavora: Condemnado na mesma pena, como cabeça da conjuração, convencido por sua mulher. Nenhuma pessoa, desde a data da sentença, poderá usar o appellido de *Tavora*, sob pena de perdição de bens, etc.

D. Leonor de Tavora, marqueza d'este titulo: Degolada, e queimada depois.

Luiz Bernardo de Tavora, marquez d'este titulo; Jeronymo de Athayde, conde d'Athouguia, João Miguel, Braz José Romeiro e Manoel Alvares Ferreira: Vide duque d'Aveiro e D. Francisco, exceptuando-se por parte dos tres ultimos o perdimento de grandezas e de previlegios, que não tinham.

Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo de Azevedo: Queimados vivos, bens confiscados, etc., etc.

[1] Na manhã do dia 13 de janeiro de 1759, pelas 6 horas e um quarto, aproximadamente, começou no nosso horisonte um eclypse da lua, que terminou ás 8 e meia horas da referida manhã.

soffria *garrote vil*, ao mesmo tempo que, n'uma aspa, lhe quebravam inexoravelmente os ossos!!!...(³)

Terceira vez se fez ver a infernal cadeirinha: Conduzia Luiz Bernardo de Tavora, tambem marquez d'este titulo, e filho primogenito dos marquezes D. Francisco d'Assis e D. Leonor.

Vestia fato de veludo preto e meias da mesma côr.

Chegado ao patibulo, muito pallido e tremulo, soffreu morte similhante á do seu infeliz irmão.

Finda a execução, appareceu D. Jeronymo de Athayde, conde d'Athouguia.

Trajava tambem d'escuro.

D. Jeronymo, incontestavelmente innocente no crime da emboscada, fôra preso e condemnado por ser parente dos Tavoras!!!...

Subindo furiosamente as escadas do patibulo e dizendo algumas justas imprecações, foi obrigado a estirar-se na aspa, (¹) onde soffreu garrote e maço.

Houve alguns momentos de descanço.

E' que os verdugos vergavam já á fadiga d'aquella tarefa sevagem.

Precisavam portanto de novas forças, para proseguirem n'aquelle espectaculo feroz.

O corregedor concedeu-lhes que bebessem algum vinho, e que comessem alguma coisa. (²).

Concluida a refeição, chegaram ao patibulo os plebeus Manuel Alvares Ferreira e Braz José Romeiro.

Vinham de calções escuros, descalços e em mangas de camisa!

Como os Tavoras e D. Jeronymo, soffreram a pena de garrote, e a de maço seguidamente.

Quando se consummava esta ultima execução, percebeu-se um certo borborinho entre o povo e a tropa. Depois rufaram *destemperadas* as caixas de guerra, e tocaram os clarins ou trombetas da cavallaria, que circumdava o cadafalso.

Era o infeliz D. Francisco, marquez de Tavora, que chegava, e que ia pagar innocentemente por um crime que não havia praticado!

O rufar das caixas e o tocar dos clarins não significavam n'aquelle doloroso momento uma homenagem de respeito pelo que fôra general! Era o contrario: significavam simplesmente o despreso das tropas pelo que fôra seu chefe!

Faltava esta percentagem de acido no coração attribulado do sympathico ancião.

D. Francisco subiu a custo as escadas do patibulo, ajudado por dois monges da Arrabida.

O seu fato, de côr escura, traduzia-lhe rigorosamente os negrumes que lhe iam n'alma.

Quando a sua vista serena, mas frouxa, se encontrou com os cadaveres dos entes que mais queridos lhe foram, arrancou pungentes soluços que commoveram a multidão.

Depois limpou os olhos rasos de agua, fallou aos soldados e ao povo, estendeu-se resignadamente na aspa, e esperou um instante que o garrote e o maço lhe extinguissem a vida, e triturassem os ossos!!!...

Pertencia agora a vez a um dos maiores criminosos, mas nem por isso o menos deploravel e deplorado entre esta serie d'infelizes.

Era elle D. José de Mascarenhas, marquez de Gouvêa e duque d'Aveiro.

Ainda novo e agil, subiu sem esforço as escadas do patibulo.

Vestia um roupão de veludo avermelhado, e calçava meias da mesma côr.

Quando lançou os olhos ás rodas do cadafalso, e divisou pendentes os corpos dos justiçados, não poude deixar de curvar a cabeça e d'exhibir-se horrorisado.

Em seguida collocou-se na aspa, e recebeu quatro vezes nas pernas e nos braços o ensanguentado maço de ferro, que um dos carrascos deixou cahir n'um fragor medonho e baço!

O garrote não lhe havia dado morte rapida, e o desgraçado fidalgo soffreu penas ultra-infernaes!!!...............................

....

Depois do duque appareceu o seu creado João Miguel, e, logo depois, a estatua de José Polycarpo d'Azevedo, que conseguira fugir, a qual foi collocada n'um poste, entre os cadaveres dos plebeus.

João Miguel morreu garrotado, e, como os companheiros, com as canas dos braços e das pernas, partidas!

Por ultimo trouxeram Antonio Alvares Ferreira, o que mais soffreu n'esta hecatombe.

Como João Miguel, veio quasi nú, e com o corpo tapado por um capote!!!...

Os carrascos, precipitando-se sobre elle, amarraram-lhe os pés e as mãos com umas correntes de ferro, cobriram-lhe o corpo de materias inflammaveis, collocaram-lhe no seio um sacco com alcatrão, e, seguidamente, largaram fogo a tudo!!!

Começára este inqualificavel supplicio ás trez horas da tarde, e ás quatro ainda o desgraçado era pasto das chammas!!!...

Custa a crêr em similhante perversidade!!!..

E' que Antonio Alvares fôra o unico conjurado que ferira a Magestade.......................

....

Voltado de proposito para o Norte, d'onde a brisa soprava brandamente, não havia fumos que podessem asphyxial-o!!!...

Até a brisa... aquella formosa companheira do lyrismo... eterna Egéria dos trovadores apaixonados, abandonára n'esse dia arroyos e vergeis para vir dar vulto ao martyrio, e tormento ao desgraçado!.................................

....

Depois das 4 horas da tarde, terminava a bestial tragedia.

O cadafalso, envolto depois em chammas, elevou em negras espiraes de fumo as cinzas dos justiçados!

Era a expressão ultima da vingança!

E d'esta scena terrivel ficou a immorredoura memoria para commiseracão d'uns e eterna maldição d'outros.

(Continúa).

(¹) Dois paus cruzados em forma de X.
(²) Historico.

OS MEUS LIVROS

XIX

Recebemos as ultimas publicações da acreditada casa Guillard, Aillaud & C.ª.

São: — *Codigo Administrativo* approvado por decreto de 17 de julho de 1886 com um appendice contendo toda a legislação relativa ao mesmo Codigo, publicada até hoje; dando a reforma da Camara Municipal de Lisboa e a da organisação judiciaria de 2 de dezembro de 1891 e terminando com um elucidativo reportorio alphabetico. E' um livro indispensavel a todo o homem trabalhador e um grande auxiliar para todas as questões da vida publica; está á venda por 300 réis.

— *Continentes e Oceanos* é uma obra de vulgarisação scientifica editada pelos mesmos conceituados livreiros, estabelecidos em Paris mas sustentando uma succursal em Lisboa na rua do Ouro 242. Este livro destina-se a diffundir pelas classes menos illustradas, os conhecimentos geographicos, insere muitas gravuras e é acompanhado de um bello mappa planispherico; e

— *Oliveira Martins*, estudo de psycologia por G. Moniz Barreto, é a segunda edição d'este conhecido estudo que a mesma casa Guillard Ailland acaba de publicar e que muito agradecemos.

* * *

O illustrado escriptor Ferreira Deusdado envianos a sua *Psycologia applicada á educação*.

E' a publicação do dircurso com que este sympathico e incansavel professor inaugurou no Curso superior de lettras o ensino novo, á semelhança do que actualmente realisa em França Mr. Henri Marion por ordem do respectivo ministro.

Todo o discurso, de uma forma elegante e suave, é exornado de uma lucida erudição em que não faltam os exemplos de deveres do magisterio.

Ao nosso amigo, sr. Ferreira Deusdado agradecemos a deferencia que teve para comnosco enviando-nos a sua formosa lição.

* * *

A Mãe de Camões é, como sabem os leitores do OCCIDENTE, uma refutação brilhante da opinião do sabio Wilhelm Storck, admiravelmente escripta pelo erudito academico Ramos Coelho e que já foi publicada no nosso periodico.

O sr. Ramos Coelho acaba de nos offerecer um folheto de trinta e cinco paginas em que estão reunidos os artigos que o OCCIDENTE inseriu.

E' um dos trabalhos de investigação historica e de uma deducção tam logica que o sabio professor allemão decerto avaliará com a competencia que se lhe reconhece.

A edição do folheto é apenas de cem exemplares e por isso não podemos deixar de reparar com reconhecimento na distincção com que o auctor nos honrou enviando-nos um exemplar de tam precioso livro.

* * *

Soror Paula, drama em cinco actos por Freitas e Costa.

Este nosso amigo que todos conheciam no campo litterario como um distincto poeta e no campo da sciencia como um habil clinico, apparece-nos dramaturgo e dos de boa craveira.

E' pena que ainda não tenha sido representado em qualquer dos nossos theatros este drama de Freitas e Costa.

Como obra litteraria-historica pudemos já affirmar que está a par de muitas que ahi vemos consagradas.

Os personagens principaes são: — *El-Rei D. João V, Soror Paula, a embaixatriz de Inglaterra, o Superior dos Jesuitas, Tristão Bravio, D. João de Mafra, O Camões do Rocio, Fr. Martinho de Barros, Fernão Jogral, Fr. Gaudencio, Tubarão contramestre da «Olinda» e Ruy Vaz.*

Sobre peças que se não tenham representado temos sempre a nosso favor a opinião do grande critico Sarcey que nos diz só poder avaliar do merecimento d'ellas quando sejam representadas.

Como trabalho litterario e de investigação historica agrada-nos muito a obra de Freitas e Costa e, alguns dos personagens como *Soror Paula* e o *Camões do Rocio* são realmente figuras que devem impressionar o publico frequentador do theatro.

Ao nosso amigo que ha tantos annos nos distingue com a sua estima agradecemos a sua lembrança.

* * *

Do mesmo auctor: —*Rehabilitação das colonias*. E' um folheto de trinta e duas paginas.

Freitas e Costa lamenta que tenhamos passado a maior parte da nossa vida a *simular fraqueza* e por isso Deus nos castigou com a monomania da humildade e diz que o unico remedio que póde ainda salvar-nos é a «*hydrotherapia... o Mar» Mar... e Africa!* eis onde está a regeneração do povo portuguez. Assim acabaria a *cachexia* eleitoral e essa *plethora* de conselheiros que tem arruinado este paiz.

Freitas e Costa quer que os portuguezes constituam familia, em Africa, com senhoras brancas.

Moralisaria tambem muito o pessoal de funccionarios em Africa, ser a Madeira o *terminus* de licenças concedidas para se tratarem, e só virem a Lisboa quando terminassem as respectivas commissões, ou por uma *licença especial* só conseguida em vista de bons e incontestaveis serviços.

A questão militar tratada por Freitas e Costa, com respeito á defeza das colonias é muito bem exposta.

Na Madeira, ilha Brava de Cabo Verde, S. Thomé, Angola e Moçambique estabelecer-se-hiam estações de saude, e em cada um d'estes pontos deveria estar um ou mais regimentos de soldados brancos, evitando-se assim as grandes despezas com longinquas expedicções. Os soldados mandados successivamente da Madeira para Cabo Verde e depois para S. Thomé etc, demorando o tempo sufficiente em cada um d'estes pontos e podendo pela situação geographica d'elles accudir a qualquer parte, prestariam altos serviços, e poderiamos assim dizer que havia exercito na Africa. Todo o portuguez, por este systhema, sabia que ao pagar o tributo de sangue tinha de *fatalmente* servir em Africa.

D'aqui vinham muitas vantagens. O soldado tornava-se verdadeiramente aguerrido, *tinha visto mundo*, não temia o mar, sobretudo não apodrecia nos quarteis.

De um modo simples, mas convincente e claro nas demonstrações, a questão militar e de sanidade é admiravelmente tratada na *Rehabilitação das Colonias*.

E' tambem muito sympathica a ideia de um parlamento africano, como deseja Freitas e Costa, mas este ponto parece-nos que precisa ser tratado mais de espaço.

Dando um abraço no auctor terminamos este artigo com as suas proprias palavras: — Para que floresça e se desentranhe em fructos este ideal primorosissimo, para que a nossa Africa deixe de ser o papão dos ingenuos e a providencia... dos imbecis, transformando-se em fortissimo esteio da nossa independencia, é mister que um Charcot da politica nos arranque primeiro das profundidades do cerebro a monomania da humildade e nos mostre em todo o explendor do seu zenith o sol da nossa grandeza ultramarina.

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

Desvendou-se em parte o mysterio em que se envolveu a ultima transformação ministerial, estando afim explicada a causa da sahida do ministro da fazenda sr. Oliveira Martins, e dizemos em parte por-

que ainda se não sabe porque sahiram do ministerio os srs. visconde de Chancelleiros e Costa Lobo.

A sahida d'estes dois ministros as eleições é que provavelmente a hão-de explicar.

O governo reunido em conselho no dia 7 do corrente, resolveu unanimemente não ractificar o convenio e emprestimo contratados em Paris pelo sr. Antonio de Serpa e pelo sr. conde de Burnay, segundo os planos do sr. Oliveira Martins secundado pelo sr. Dias Ferreira.

Já de ha muito que se dizia estarem em desaccordo estes dois ministros sobre as negociações que se estavam tratando em Paris, até que esse desaccordo se manifestou publicamente com a sahida do sr. Oliveira Martins e com a resolução que o conselho de ministros acaba de tomar.

Sempre nos pareceu grave erro administrativo e politico entrar em negociacões com os pseudo-representantes dos crédores estrangeiros, e o querer contrahir novo emprestimo, quando a nação já não póde com os que tem contrahido.

Era levar a audacia e a estravagancia muito longe, sem emenda dos erros passados nem propositos praticos de entrar em uma vida nova.

É por isto que a resolução do governo foi bem recebida por parte da gente independente dos corrilhos politicos e que ainda tem algum amor a este *jardim da Europa á beira-mar plantado.*

Alguns politicos tem achado incoherente o procedimento do governo, mal disfarçando o despeito e ao mesmo tempo a afflicção que os domina por verem frustrar-se o convenio e o emprestimo, com que estavam contando para mais um bocado de regabofe, porque esta vida são dois dias e quem vier atraz que feche a porta.

O governo, porém, que não pensou assim, que não quiz deixar a porta para os outros fechar, preferiu elle fechal-a, e que elle se não arrependa é o que todos os bons portuguezes devem desejar, apesar de todas as incoherencias que para ahi apregoam.

Ora a respeito de incoherencias estamos nós fartos, porque essa tem sido em geral a norma dos nossos governos, e então não é muito que o governo seja mais uma vez incoherente para salvar o paiz d'uma ratoeira tão bem armada, quando se tem commettido tantas incoherencias para o despenhar no abysmo.

Nunca percebemos para que servia o convenio uma vez que a nação não podia pagar mais do que se estabelecia na lei de 26 de fevereiro. Ou aquella lei era resultado de calculos sérios e a expressão de boa fé do governo, que pagava o que podia pagar, ou era uma especulação de devedor que se quer locupletar á custa do credor. Sobre este segundo caso não podiam haver duvidas porque as circumstancias financeiras do thesouro foram bem patenteadas pelo governo e todos os homens da finança as sabiam ainda antes do relatorio do ministro da fazenda.

Ficando, portanto, de pé toda a verdade e sinceridade d'aquella lei, os possuidores de titulos de divida externa só tinham que acceitar ou não acceitar a reducção que se lhe fazia nos juros dos seus titulos, e n'estes casos para que era o convenio?

Para que era essa baixeza de ir tratar com os pseudo-representantes dos possuidores de titulos da divida externa, como potencia a potencia?

A explicação é facil, explica-se pelo emprestimo que o governo pretendia fazer, sem reflectir que em taes condições esse emprestimo seria impossivel, pelas exigencias leoninas que fatalmente devia trazer, e que de nada nos serviria, ou antes, apenas nos serviria para mais afundar o paiz, dando-lhe o ultimo empurrão para o abysmo.

Ora estas considerações que o governo agora fez e foram discutidas no conselho de ministros do dia 7, devia-as ter feito antes, para poupar o paiz a mais um vexame, para lhe não dar mais um golpe fundo no seu organismo enfermo e depauperado, que antes exige estimulantes que o chamem á vida.

Vejamos, porém, o que o governo resolveu em conselho além de não ractificar o convenio e emprestimo.

Para isso soccorremo-nos de uma folha diaria onde encontramos o seguinte:

«Mais resolveu o conselho, para provar o seu respeito pelos interesses legitimos dos portadores da divida externa, pagar um terço do coupon da divida amortisavel, vencido em o 1.º de abril e não satisfeito, e bem assim no 1.º de julho proximo, um terço do coupon da divida consolidada a vencer n'esse dia.

«O pagamento continuará a ser feito nas actuaes agencias do governo no estrangeiro e para esse fim vão ser immediatamente transferidos os fundos necessarios.

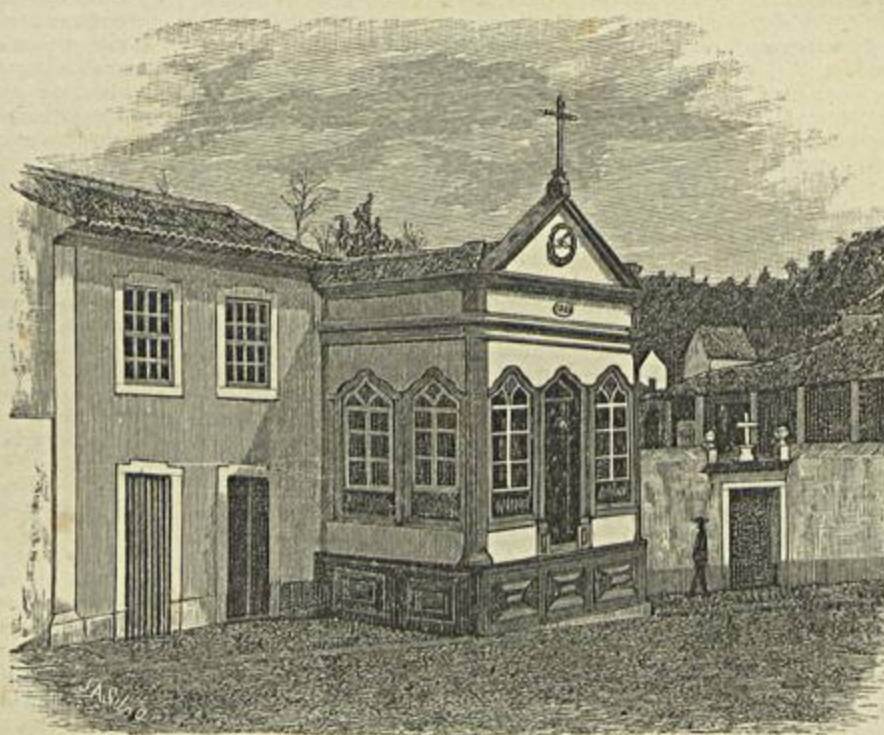
«Esta percentagem é provisoria até arranjo definitivo, que regule o pagamento da divida externa.»

Parece depreender-se d'aqui que o governo está habilitado a fazer estes pagamentos sem recorrer ao credito.

Que assim seja é o que muito estimamos.

Quem o não deve estimar são os famigerados agiotas estrangeiros com o benemerite conde de Burnay á frente, que lhes escapou a occasião de fazer um bom negocio.

Estalou-lhe a castanha na bocca.

João Verdades.

AÇORES — IMPERIO DO ESPIRITO SANTO

(Segundo uma photographia do sr. conselheiro José Julio Rodrigues)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Contos escolhidos, por Alberto Braga, illustrações de E. Casanova. Lisboa, M Gomes, Livreiro Editor. Rua Garrett (Chiado) 72. 1892. Uma formosa edição que o intelligente editor o sr. M. Gomes, publica sob o titulo de *Collecção Litteraria Portugueza*. O nome de Alberto Braga sobejamente conhecido como contista primoroso, dispensa-nos da apresentação aos nossos leitores e por isso limitar-nos-hemos a dizer que os *Contos escolhidos* não passa de um titulo que o seu auctor lhe quiz dar, porque escolhido é tudo quanto sae da penna d'este primoroso escriptor. São onze os contos de que consta o livro, sendo o primeiro — *Contos á beira-mar* dedicado á Ex.ª Sr.ª Condessa de Burnay; o segundo — *A Guerra*; o terceiro — *O Sermão* dedicado á Ex.ª Sr.ª D. Josepha de Sandoval de Vasconcellos e Souza; o quarto — *O retrato dos paes*, dedicado á Ex.ª Sr.ª D. Julia Braamcamp de Mancellos; o quinto — *Nem esculptura nem pintura*, dedicado á Ex.ª Sr.ª Condessa do Paço do Lumiar; o sexto — *O abandono do moinho*, dedicado á Ex.ª Sr.ª Viscondessa de Pindella, D. Amalia; o setimo — *O sonho da noviça*, dedicado á Ex.ª Sr.ª Condessa de Mello e Villa Real; o oitavo — *O engeitado*, dedicado á Ex.ª Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho; o nono — *Que triste fim*, dedicado a Maria do Ceu Vasconcellos; o decimo — *A azeitona de Sevilha*; o decimo primeiro — *Tristezas do Mondego*, dedicado á Ex.ª Sr.ª Condessa de Sabugosa.

E' como se vê, um livro principalmente dedicado ás damas portuguezas da alta sociedade, e não podia ser melhor a escolha dos deliciosos contos que Alberto Braga offerece n'este seu aprimorado livro.

Contos verdadeiramente portuguezes, e em linguagem portugueza como a sabe escrever o auctor. Singelos, sobrios, de uma simplicidade encantadora, que nos commove sem nos fatigar. E' este o segredo do notavel contista.

O conto *A guerra*, por exemplo, é de uma singeleza commovedora, cheio de verdade, apenas com os toques indispensaveis para formar o quadro, mas estes de tal modo traçados, que o leitor sem esforço vê todas as scenas que se desenrolam na pequena tragedia.

Não resistimos á tentação de o reproduzir em outro logar de nossas paginas, como especimen dos *Contos escolhidos*, e estamos certos que os leitores nos agradecerão o aguçar-mos-lhe o apetite para lêr os restantes. São todos da mesma belleza.

Diario de uma viagem do Ambriz a S Salvador do Congo, feita por Henrique Manuel Collaço Fragoso, condemnado a degredo na Africa Occidental. Loanda, typographia Luso-Africana, 1891. E' um folheto de 48 pag. que o auctor dedica á Sociedade de Geographia de Lisboa, e á memoria do malogrado major Seraphim Duarte Soares Coelho. Esta viagem tinha por fim restabelecer a exploração de minas de cobre e malachite no Bembe; que se achava abandonada. Pela leitura, porém, do *Diario* parece que pouco ou nada se conseguio n'esse sentido, porque as minas estão entulhadas e os pretos pouco resolvidos a continuarem na exploração por não lhe compensar devidamente o seu trabalho.

Panegyrico do Direito Moderno *feito em 13 de novembro de 1889 na sessão solemne de reabertura da Associação dos Advogados de Lisboa*, por Alfredo Ausur. Lisboa, 1892. O auctor faz o panegyrico da revolução franceza de 1789 como base do direito moderno, e fal-o com todo o brilho do seu talento e da sua eloquencia.

Pela Capital, por José Forbes Costa, Livraria Civilisação, casa editora de Costa Santos & Sobrinho. Porto. Um bello livro em que o seu auctor escreve as suas impressões da capital; de uma critica fina e despertenciosa, terminando por lamentar fortemente o desprezo em que vae estando na capital a lingua materna, usando-se e deturpando-se o francez a torto e a direito. Termina com estas palavras: «Fallem pois o portuguez, minhas senhoras».

Appoiado.

Union Ibero-Americana *fundada em 25 de Enero de 1885*, etc. Publicação destinada a advogar a união dos povos da America do Sul, de Portugal e de Hespanha. A *Union Ibero-Americana*, cuja séde é na Calle de Alcalá 65, Madrid, offerece aos seus irmãos da America que visitarem Madrid por occasião do Centenario Colombino, uma sala de leitura, onde encontrarão periodicos e livros de todas as classes, para lerem, e serão recebidos com todas as attenções. Ahi fica o aviso para os nossos leitores da America a quem possa interessar.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43